// ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondencia relativa a esta publicação deve ser dirigida com o endereço ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão —Rua Formosa, 43 —*LISBOA*

PRIMEIRO ANNO | *SEGUNDA FEIRA, 1 DE FEVEREIRO DE 1904* | *NUMERO 13*

DR. ALBERTO FIALHO, MINISTRO PLENIPOTENCIARIO DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL EM LISBOA

O sr. dr. Alberto Fialho começou a sua carreira diplomatica em 1882 como addido de 1.ª classe á legação d'Austria, foi transferido no mesmo cargo para a Belgica, passando depois a 1.º secretario da embaixada de Paris, onde permaneceu 4 annos e meio. Foi promovido a ministro plenipotenciario para a Bolivia e logo a enviado para Montevidéu, vindo d'esta ultima capital para Lisboa.

CHRONICA

Salvé, Brazil

Após uma longa derrota, vindo d'outros mares, o *Benjamim Constant* entrou no Tejo, fundeou em frente de Lisboa, que, como o resto de Portugal, encerra esses jámais desmentidos sentimentos de fraternidade, de amôr e de carinho que em almas lusitanas vivem e viverão sempre grandiosos e sempre constantes para essa outra patria d'além, para o Brazil, nosso irmão pelo caracter, pela lingua e pela tradição, para essa nação cujos filhos sabem acolher os portuguezes com egual carinho e com egual amôr!

O *Benjamim Constant* traz a seu bordo os jovens guardas marinha, esse nucleo de esperanças, esse grupo de mancebos que ha de illustrar as paginas da historia naval do Brazil, paginas já tão luminosas, tão resplandecentes, nas quaes se affirmam o brio, a dignidade e o valor.

Nas aguas do Tejo, sob o céu luminoso, d'um azul sereno, o navio brazileiro é para nós um hospede mil vezes querido, um hospede que recebemos com um ardente affecto a viver nos nossos corações.

Em França, onde um filho do Brazil vae assombrando o mundo conquistando os espaços, os officiaes do *Benjamim Constant* tiveram a recepção grandiosa que lhes era devida, tiveram as honrarias feitas bizarra e fidalgamente, receberam as provas de estima que esse paiz sempre dispensa aos hospedes, com a velha grandeza de um nobre de raça.

Mas em Portugal, não são só as salvas, o fumo da polvora, as visitas que se trocam, as musicas que sôam, as homenagens que se fazem, as saudações que se dirigem, as unicas manifestações devidas aos nossos hospedes. E' a nossa alma que vôa para a d'elles, é o céu azul de Portugal que parece mais resplandecente, são as aguas que parecem mais serenas, como n'um preito devido a irmãos que chegam e que nós acolhemos como pobres mas com o mais que podemos offertar: a nossa amisade, o nosso enthusiasmo, o nosso amor vibrante, intenso e bem fraternal!

N'essas terras do Brazil, immersas n'uma perenne aurora de luz, n'uma apotheose de claridade, n'essas terras abençoadas onde o Progresso está, com a Ordem, no lemma da bandeira representando a moderna orientação d'esse povo, os nossos, os portuguezes vivem como verdadeiros irmãos com os brazileiros, acolhidos á sombra protectora das suas leis, mourejando, mas encontrando um lar e um futuro ao lado da excepcional amisade dos filhos do Brazil.

Canta, pois, em nossos corações a alegria de vermos adentro das fronteiras portuguezas os brazileiros, que são como filhos d'esta terra.

Portugal sabe acolher os extrangeiros, sabe ser hospitaleiro, sabe guardar os seus hospedes; mas nem sempre os corações portuguezes pulsam e rejubilam como na hora bemdita em que o *Benjamim Constant* entrou no nosso porto, ao som das salvas, na gloria da tarde luminosa.

Parece que uma alma nova entra em nossos peitos n'um jubiloso fremito. Ao vermos esse barco gracil sulcando o Tejo, conduzindo a juventude brazileira e trazendo comsigo o agradecimento de uma nação amiga, parece que em todos nós começa a viver um mais santo affecto e que o céo de Portugal se torna mais limpido para servir d'abrigo áquelles que veem para nós com o mesmo ardente affecto com que os recebemos.

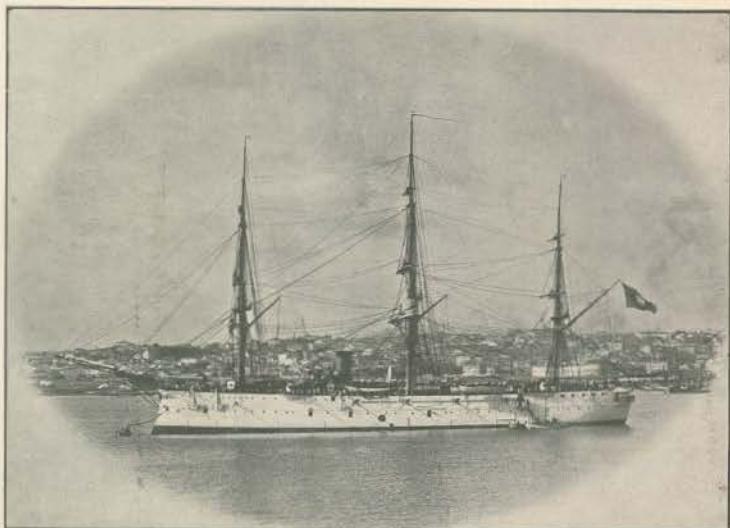
Elles vieram sabendo que em Portugal jamais deixou d'existir a velha amisade d'um povo para outro povo, que tendo nascido da mesma mãe, embora seguindo differentes caminhos, ficaram sempre ligados pelo mesmo amor!

Em terra, estendem-se os braços para o navio galhardo, estendem-se n'uma saudação e para um amplexo, no desejo intimo de unir os corações portuguezes com os d'esses bravos marinheiros que entre nós ficarão alguns dias!

Nas nossas almas uma grande affeição se patenteia, avigorada e enorme, e aos nossos labios chega a saudação de todos os tempos, para essa patria do Progresso, para essa terra de luz e de bello sol:

Salvé, Brazil!

ROCHA MARTINS.

O ILLUSTRE ACTOR EDUARDO BRAZÃO NO PERSONAGEM D. FERNANDO DA *LEONOR TELLES*, PEÇA COM A QUAL REALISOU O SEU BENEFICIO EM 29 DE JANEIRO, NO THEATRO D. AMELIA

O «BENJAMIM CONSTANT», NAVIO ESCOLA DA MARINHA DE GUERRA BRAZILEIRA, QUE ENTROU NO TEJO EM 24 DE JANEIRO, SOB O COMMANDO DO CAPITÃO DE MAR E GUERRA SR. ALENCASTRO GRAÇA

O *Benjamim Constant* veiu a Portugal em agradecimento á visita feita pelo cruzador *D. Carlos* da nossa marinha, quando foi da eleição do presidente da republica brazileira. E' um barco que desloca 2:750 toneladas e cuja tripulação se compõe de 380 homens. O seu armamento consiste em 4 peças de 14 centimetros de tiro rapido, 8 de 10 centimetros, 2 de 65 millimetros 8 metralhadoras e 4 tubos lança-torpedos.

SR.ª GIONNINA WAYDA
Primeiro soprano (*Tamara* na opera)

REAL THEATRO DE S. CARLOS

ELEONORA CISNEROS
Meio soprano (o *Anjo* na opera)

COMMENDADOR JOSÉ PACINI
Emprezario do Real Theatro de S. Carlos

O MAESTRO A. RUBINSTEIN
Auctor da opera

WITTORIO ARIMONDI
Primeiro baixo (*Principe Gudal*, na opera)

O MAESTRO VICENZO LOMBARDI
Director da orchestra do real theatro de S. Carlos

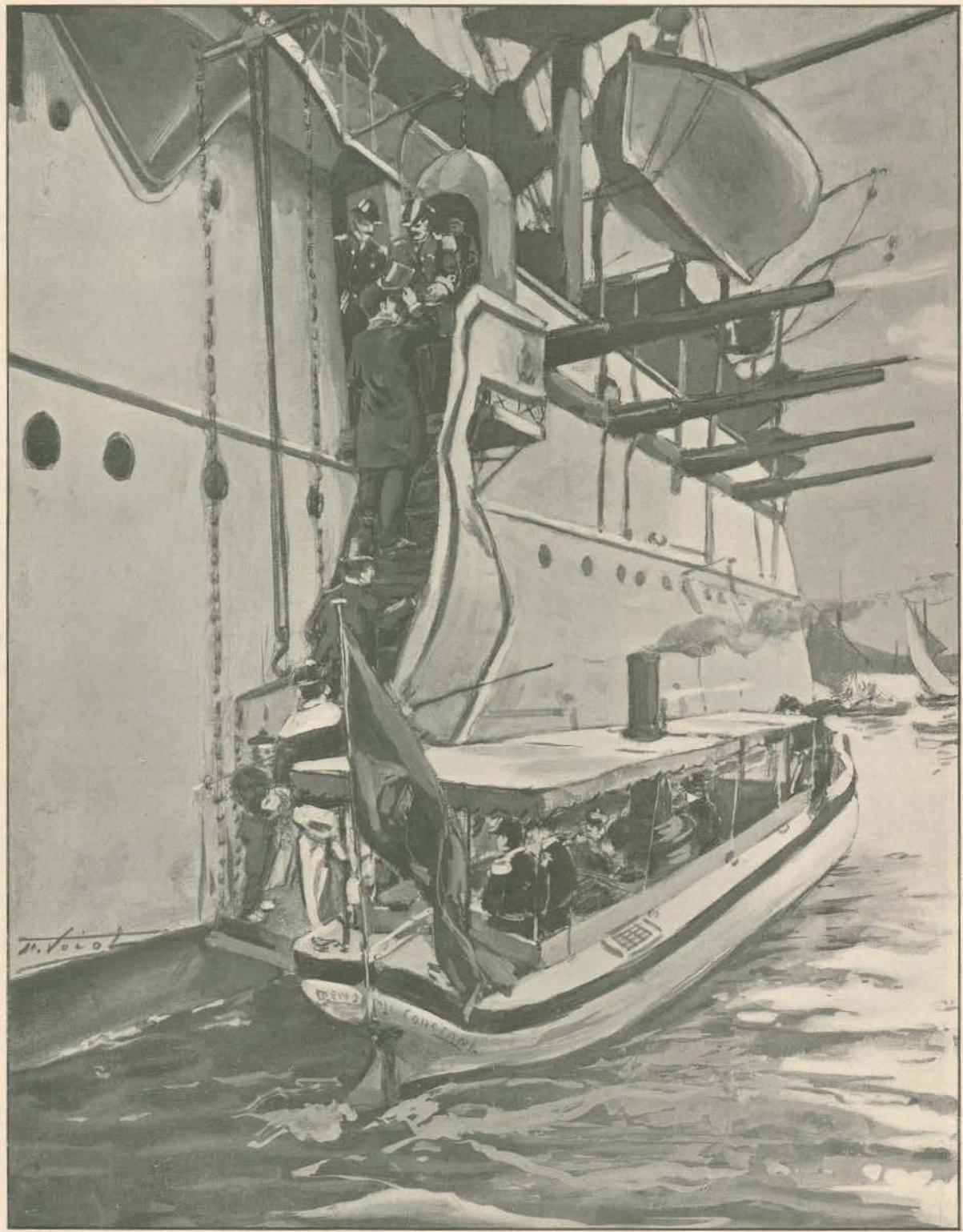
EUGENIO GIRALDONI
(O protagonistata da opera)

O PRIMEIRO TENOR ORAZIO CONSENTINO
(*Principe de Sinodal*, na opera)

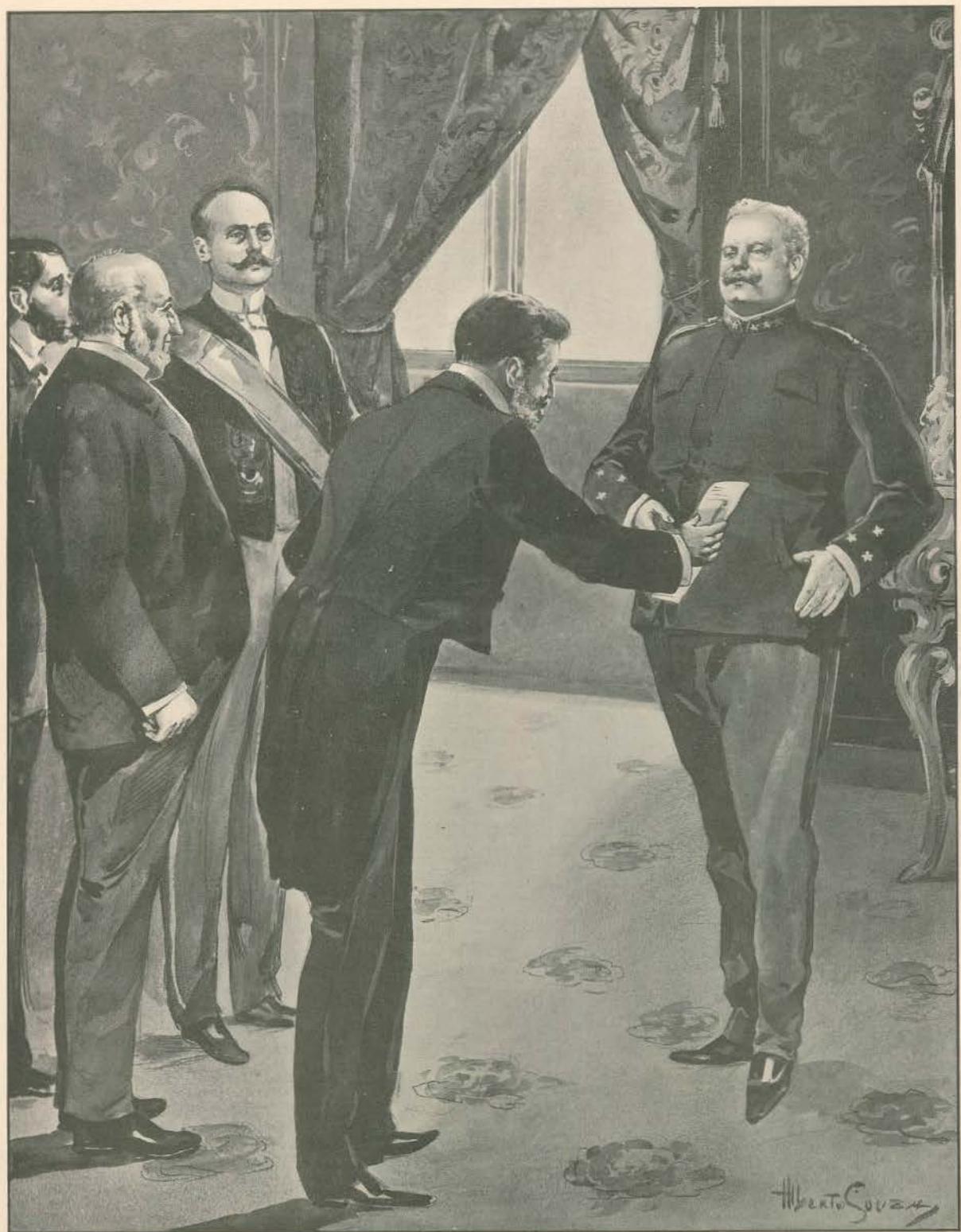
A REPRESENTAÇÃO DA OPERA «DEMONIO» DO MAESTRO RUSSO RUBINSTEIN, LETTRA DO POETA LARMONTOFF, POSTA EM SCENA EM LISBOA PELA PRIMEIRA VEZ EM 26 DE JANEIRO NO REAL THEATRO DE S. CARLOS

A opera *Demonio* representou-se pela primeira vez no theatro Imperial de S. Petersburgo em 1875, espalhando-se então por outros theatros de opera da Russia e subindo á scena depois no Covent Garden de Londres em 1881, quando Rubinstein já se tornara conhecido na Europa pelas suas outras operas *Dimitri Donskoi*, *Tom il Pazzo*, *Die-Kinder der Haide*, *Maccabei*, etc. O entrecho da opera *Demonio* é uma velha phantasia como a do *Fausto*, em que o *Demonio* tem o papel de tentador, mas d'esta vez apaixonado pelos encantos de *Tamara*. Torna-se notavel na peça o duetto do *Demonio* com o soprano no 2.º quadro do 4.º acto, em que ha alguma cousa de languido, de triste e de profundamente amoroso.

Rubinstein esteve em Lisboa em 14 de março de 1881, trazido pelo emprezario Amann, realisando apenas um concerto, visto ter chegado n'esse dia a noticia do assassinio do czar Alexandre II.

O maestro nasceu em 30 de novembro de 1830 e falleceu em 1894, cumulado de honras, sendo pianista honorario do czar e director do Conservatorio de S. Petersburgo.

A VISITA DO SR. DR. ALBERTO FIALHO, MINISTRO DO BRAZIL, A BORDO DO NAVIO-ESCOLA BRAZILEIRO «BENJAMIM CONSTANT»

EM 26 DE JANEIRO — O COMMANDANTE DO «BENJAMIM CONSTANT» RECEBENDO O ILLUSTRE VISITANTE NO PORTALÓ DO NAVIO

O «Benjamim Constant» entrou a barra em 25 de janeiro tendo sahido do Rio de Janeiro a 30 de agosto de 1903 a fazer uma viagem d'instrucção de guarda-marinhas, indo a New-York, onde se demorou um mez, e seguindo depois para Plymouth. Esteve ali em reparação durante vinte dias. Passou d'este porto ao de Cherburgo, onde ficou um mez, e partiu depois para o Ferrol e finalmente para Lisboa, com o fim d'agradecer a visita do cruzador «D. Carlos», ao Rio de Janeiro, quando foi da eleição do presidente da Republica brazileira. Do nosso porto irá a Las Palmas e Pernambuco completando assim a sua derrota.

S. M. EL-REI O SENHOR D. CARLOS, RECEBENDO A COMMISSAO DE PROTESTO CONTRA A NOVA CIRCUMVALLAÇAO DA CIDADE EM 23 DE JANEIRO, NO REAAL PAÇO DAS NECESSIDADES

Esta commissão era composta pelos srs. Francisco José Ovelheira, José Diniz, José Coelho Bastos e José Pizani da Cruz.

A resolução de se entregar a el-rei essa representação foi tomada nos diversos comicios que se realisaram como protesto á circumvallação que abrangeu algumas povoações dos antigos arrabaldes.

O sr. Hintze Ribeiro, presidente do conselho de ministros, foi quem apresentou a commissão a S. M. El-Rei, que prometteu recommendar o assumpto ao seu governo.

BAIRROS DA CIDADE

IMPRESSÕES D'ALFAMA

Foi ha mezes, levado por imposições de reporter militante, que eu me embrenhei no labyrintho de Alfama, e grande é a surpreza por não ter ainda topado com um poeta que nos exprimisse, em todo o seu imprevisto, a theatralidade scenographica da casaria, em meia duzia de paginas vividas. Apenas o erudito espirito do sr. visconde de Castilho a monographou na *Lisboa-Antiga*, e ha dias ainda, Affonso Lopes Vieira, no *Marques*, nos deu um minusculo aspecto, fugidio, n'um dos capitulos do livro.

A PORTA

*

Eu fôra chamado áquelle bairro miseravel e torvo por uma scena de facadas, scena de vingança, com seu desfecho tragico na taberna do *Coxo*.

Alfama tinha já feito estremecer o meu temperamento de insaciado, por uma noite clara de luar, em que o plenilunio punha a sua pompa no ceo. Noite de vagabundagem artistica: eramos uns tres ou quatro, todos rebeldes ás grandes crises de admiração, scepticos por principio, apesar de apenas conhecermos da vida o que os nossos olhos, já fatigados no começo da jornada pelo mundo, tinham extrahido dos romances naturalistas: — a miseria do viver.

LARGO DE SANTO ESTEVÃO

E, aquelle scenario de feria, sob um banho de luar, luar christianissimo como o entrevisto n'algum painel de Fra-Angelio, recordava-nos um panno de theatro, tal a exuberancia de perspectivas, de claro-escuro, de planos sobrepostos, de suggeridas ameaças, de perpetua instabilidade desequilibrio, de adivinhadas miserias que a casaria abrigava, bocejantes atravez a exiguidade das gelosias.

Guiava-nos pelas viellas e betesgas um alto espirito de artista, dos maiores da nossa terra; e era elle que nos ia iniciando nos mysterios tristes d'aquelle bairro, que uma errada tradição encheu de faccinoras e de criminosos expulsos das cadeias, de valdevinos de volta do degredo, quando apenas surprehendemos por todo o bairro, que o luar enchia de misanthropia dolorida, os multiplos aspectos de humilhação e por vezes de triumpho d'essa banalidade eloquente: a Miseria.

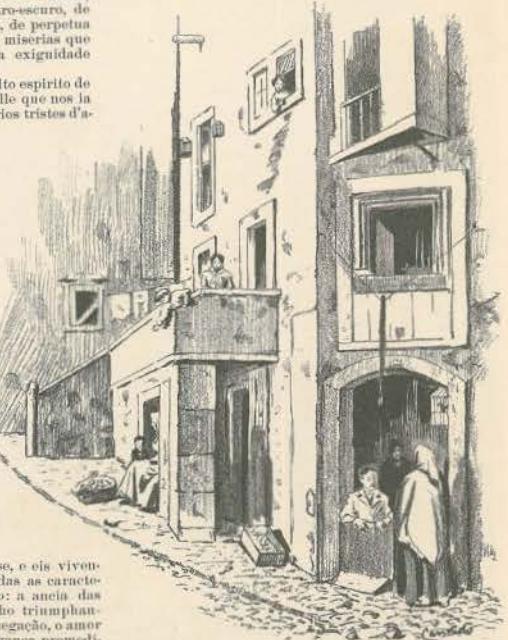
A alma collectiva diluida na grande multidão anonyma ganha por vezes autonomias de raça, individualisa-se, e eis vivendo n'um só peito todas as caracteristicas de um povo: a ancia das conquistas, o orgulho triumphante, a desvairada abnegação, o amor irremediavel, a vingança premeditada, — pagina convulsa, fugida á observação de Le Bon, quando elle remexe a *Psychologie des foules*. Em Alfama encontram-se d'esses perfis extremes que dão na linha impetuosa dos temperamentos o naipe moral das gerações.

E' vasta a galeria dos seus typos profundamente enraizados na psychologia secular d'esta raça agora a definhar-se de cerebrastenica; indomavel, vivendo de impulsões, toda instincto é essa miseravel leva de famintos que Alfama exhibe á observação d'um excursionista tresnoitado.

A *Cartuxa* foi uma celebridade no bairro, e, como ella, a *Cochicha*; ambas foram disputadas, amadas talvez, mercê da libertinagem em que viviam na desordenada bohemio de fóra de horas. A *Cochicha* deixou-se estiolar em transes soffregos d'amor, n'um saguão, o busto enorme cahido sobre a meia porta, prescrutando a hora tardia em que o amante regressasse.

Era uma mulher opulenta de carnes, cuidadosa no seu constante dandysmo noival de saias engommadas, e que, uma vez decrepita, ganhava a vida perorando acerca da sua viciosa mocidade, dos mil processos de violação e de crime. Ambas morreram já. Alfama ganhou fóros de burgo civilisado no dia em que foram a enterrar essas duas ultimas vergonteas da polluição cynica, cujos perfis mordidos de insomnia alastravam nos dialogos como uma nodoa corrupta.

O fadista classico, de melenas e calça á boca de sino, de ha muito desappareceu d'Alfama e de todos os outros bairros de Lisboa, expulso pelas constantes rusgas da policia, solerte em derruir o caracter da ralé.

Um dos aspectos mais curiosos d'Alfama é o dos pateos, como o da Rua do Castello Picão, com o seu escadós d'accesso, a sua barra typica de azulejo, e as gelosias que abrem sobre a varanda assente em arco de alvenaria, vestigio de fins de s-culo XVI, principios do seculo XVII. Cá em baixo, no pateo, ha embandeiramentos de roupa a enxugar, andrajos com que a miseria se veste, e uma ou outra trepadeira ago-

RUA DO CASTELLO PICÃO

nisa n'aquelle perpetuo lusco-fusco, mesmo ás horas claras do sol, em que os patins estão mergulhados.

Na parede, careada e velha, ha uma chaminé de resalto, e é lá dentro, na alfurja, que a miseria vive, o desespero se resigna, a fome espera.

Os andares de resalto são frequentes, como a casaria que forma o exiguo largo de Santo Estevão. Ao contrario do que se faz em Hespanha, aqui esses andares são appoiados por m sulas de cantaria, vendo-se por vezes o travejamento.

Na Rua de D. Rosa os predios communicam por cima das ruellas, formando arcarias, e, aqui e acolá, resalta da confusa perspectiva das fachadas uma ou outra casa quinhentista, typica no mais antigo bairro da cidade.

TYPO DE CASAS

BECO DA CARDOSA

Por vezes, o predio é formado por tres e quatro andares de resalto, como alguns do bairro do Barredo, no Porto, de modo que a luz mal entra na betesga, e, pelas baiucas, é corrente accenderem-se os candieiros nas primeiras horas do dia. Nos becos da Cardosa, da Fermosa e da Bixa é a noite immensa, a noite perpetua, onde o sol não põe sorrisos na lividez das mascaras, onde apenas os olhos são o unico vestigio da vida, apesar de habituados a verem a luz diffusa, prescrutadores na escuridão e na treva: olhos que nos ferem, que entram nos nossos olhos e perturbam a lealdade da visão.

As casas não teem symetria possivel: aqui um tecto de tres aguas, ali um de duas, além uma chaminé, reintrancias, telhados em declive, tudo confuso na meia-tinta da hora crepuscular em que nos embrenhamos pelo bairro.

As portadas d'accesso assentam por vezes sobre uma exigua escadaria, mas é curioso que este bairro de miseria mantem o seu constante ar de festa, porque em todas as janellas, algumas abrindo para fóra como as de um *cottage*, ha o livido tremular de farrapos, e a primeira equivoca impressão é a de que um cirio está prestes a atravessar as viellas. Todos estes predios teem um ar miseravel e antigo, as fachadas estão prestes a desmoronar, e, no emtanto, indifferentes á catastrophe, tumultuam as legiões de esfomeados; as creanças—bocas de sorrisos murchos; olhos de apagado brilho; corações cheios de saudade e de amargura,—os humilhados, os captivos, os vencidos.

*

O bairro de Alfama é a parte de Lisboa velha que resultou do extravasamento da casaria para fóra da muralha do Castello. As vertentes da Graça formam accumulados de casas, e o bairro attinge a procedencia ancestral do principio da monarchia. Architectura predominante? Apenas certas linhas nos revelam intuitos ornamentaes dos fins do seculo XVI.

RUA DA REGUEIRA

A meio d'Alfama, perto do rio, ha trechos da antiga muralha fernandina, vendo-se ella ainda nas Escadinhas de Santa Luzia junto ao Largo das Portas do Sol. Na Costa do Castello, ha uma torre alta, vetusta, onde ha o vestigio d'um arco; a torre termina em duas muralhas que descem—essa muralha ainda é aquella a que acima nos referimos. A maior parte dos predios da Rua dos Bacalhoeiros e Rua Nova d'Alfama estão assentes sobre alicerces que são velhos trechos da muralha fernandina, onde hoje se cavam postigos e as portas da antiga cidade, como: Arco das Portas do Mar, Arco Escuro, Arco das Virtudes e outros.

Bairro caracteristico, a sua biographia contem deliciosas ingenuidades, hoje que, passados quinze annos sobre essa Alfama tenebrosa historiada nos seus *Mysterios*, esse antigo bairro de provocação e crime é apenas o bairro da pobreza e do infortunio, bairro de remorsos, como se as gerações actuaes, afastadas de todo o convivio, cumprissem o degredo que mereceram as anteriores.

*

Alfama conserva ainda gratas recordações. Assim, basta percorrer alguns suggestivos nomes de ruas: Largo do Chafariz de Dentro, era o Chafariz dos Cavallos, do tempo de D. João II; Portas do Mar, e todos os postigos sobre o rio, recordam o cerco de Lisboa por D. João de Castella; o Beco de Pernabuquel lembra mourarias; Beco dos Captivos, o Beco da Galé; e, sobretudo na Rua de S. Thomé, a portada gothica da Ermida do Espirito Santo, unico vestigio que resta d'essa irmandade de catraeiros cujas antigas festas, grotescas, recordavam as danças da Edade Media.

ARCO DE D. ROSA

*

Não poderei esquecer nunca a insalubridade em que ali se vive actualmente.

Pelas valletas, entre dejectos que vão apodrecendo e enchendo as gargantas dos becos d'um fartum acido e nauseante, haa gatos estirados gosando a restricta soalheira.

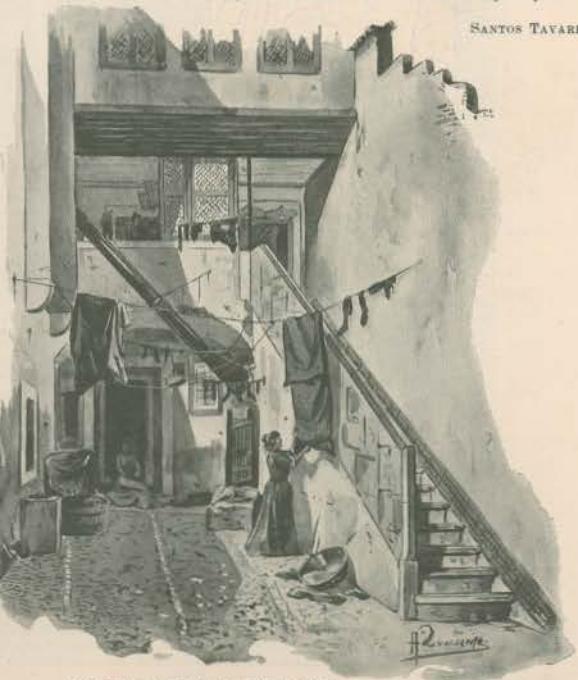
E basta entrar n'uma taberna, n'um dos pateos, percorrer as casas de malta, para se ter a certeza de que a immundicie fermenta tanto nas viellas como nos interiores esconsos e tenebrosos.

Toda aquella gente se estiola de miseria e de falta de hygiene; e agora que a municipalidade pretende, como o apregoam jornaes, arrasar este bairro, parecia-nos mais a proposito abrir-lhe duas ou tres avenidas amplas apenas, arejal-o assim, e exigir que as sub-delegações de saude o visitassem mais a meudo possivel.

Arrasal-o? Para quê? Ao menos que a fome tenha ainda onde abrigar a *deshonra* da sua angustia, já que a época actual reclama que a miseria se occulte para que a felicidade, passando, não sinta a sua propria provocação

PATEO DO PRIOR

A desgraça refugiou-se em Alfama, os bairristas contrahiram os seus habitos, frequentam sempre as mesmas tabernas, soffrem a mesma dolorosa resignação nos accordes d'um mesmo *fado* e as prostituidas esperam sempre, á mesma hora e no mesmo recanto de congosta, o amante.—Sacrificar Alfama, para quê?

SANTOS TAVARES.

UM PATEO NA RUA DE CASTELLO PICÃO

S. M. IMPERIAL O CZAR NICOLAU II IMPERADOR DA RUSSIA

GENERAL TERAOUTCH, MINISTRO DA GUERRA DO JAPÃO

O CONFLICTO RUSSO-JAPONEZ

REVISTA PASSADA PELO IMPERADOR NICOLAU Á RESERVA DOS COSSACOS NA CIDADE D'ASTRAKAN (SEGUNDO PHOTOGRAPHIA)

MUTSUHITO, MIKADO DO JAPÃO

GENERAL A. N. KOUROPATKINE, MINISTRO DA GUERRA DA RUSSIA

Os cossacos são os tartaros que formam as colonias militares ao sul da Russia. E' uma das mais temiveis cavallarias do mundo, já pela natural destreza dos cavalleiros, já pela feroz ancia com que elles tomam parte nos combates. Pertencentes a um povo semi-selvagem, constituido em exercito, com todos os instinctos dessa raça exacerbados pela excitação das armas e pela tradição dos seus regimentos, elles conseguem maravilhas, tendo nos annaes da historia russa um logar definido, uma lenda de patriotismo e de bravura

A RESIDENCIA DO EX.^{mo} SR. MINISTRO DO BRAZIL EM LISBOA, NA TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO

A ESCADARIA—UM ASPECTO DA SALA DE VISITAS—O GABINETE DO SR. MINISTRO—A EX.^{ma} SR.^{a} MINISTRA DO BRAZIL—O SALÃO NOBRE—A SALA DE VISITAS

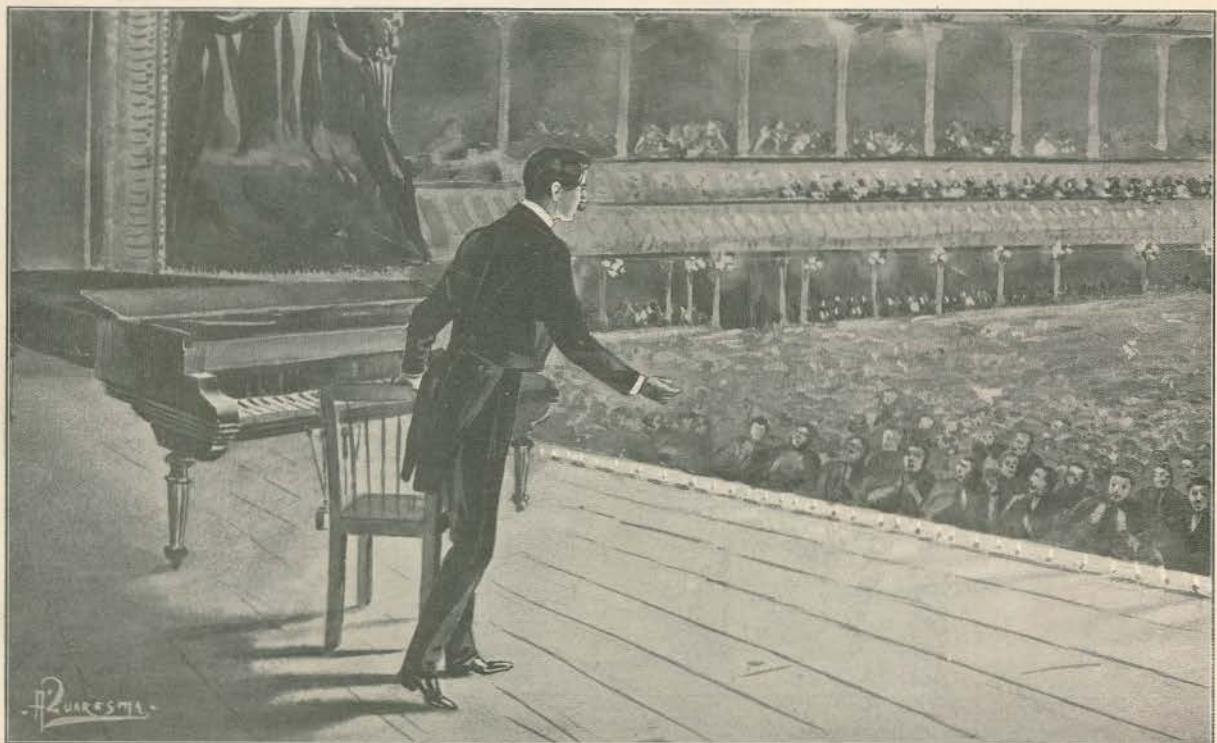
A FESTA DE S. VICENTE NA EGREJA DA MESSMA INVOCAÇÃO EM 22 DE JANEIRO

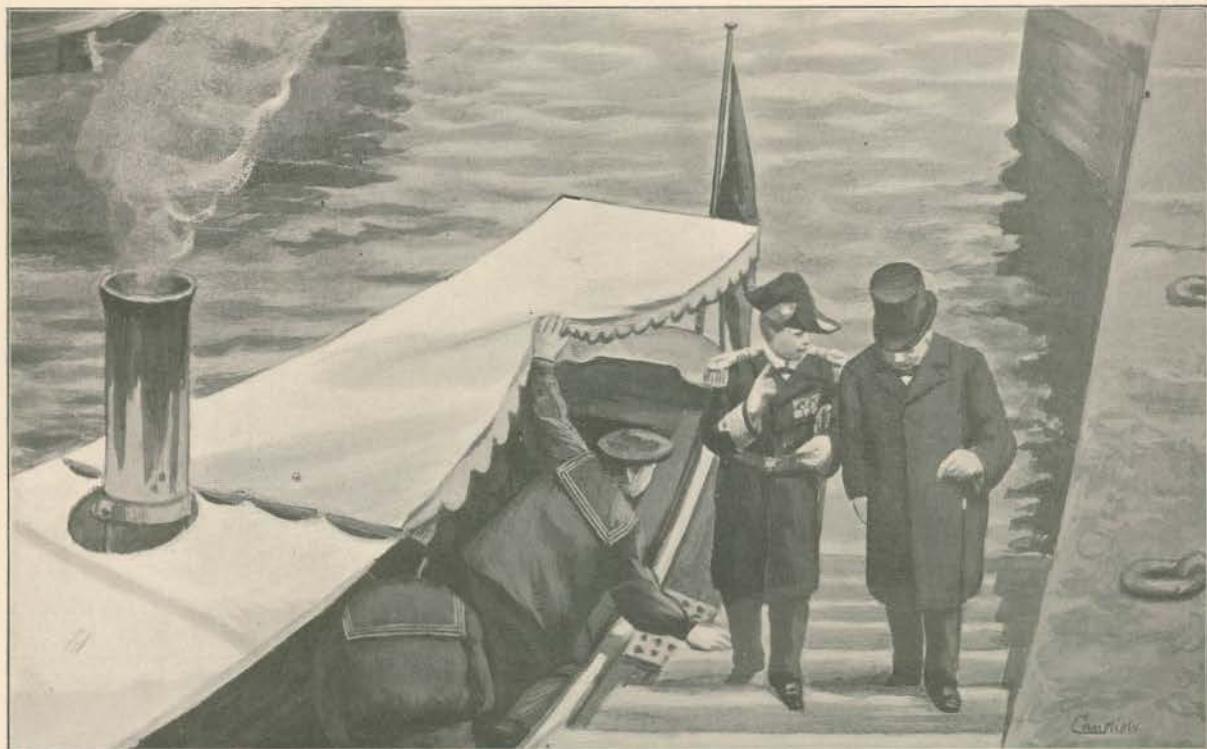
NO FIM DA MISSA: A PROCISSÃO EM VOLTA DA EGREJA NA EXPOSIÇÃO DO SANTISSIMO EM LAUSPERENNE

As reliquias de S. Vicente, padroeiro de Lisboa, estão na egreja da Sé encerradas n'um cofre de prata que todos os annos, pela festa do Santo, se expõe á veneração dos fieis.

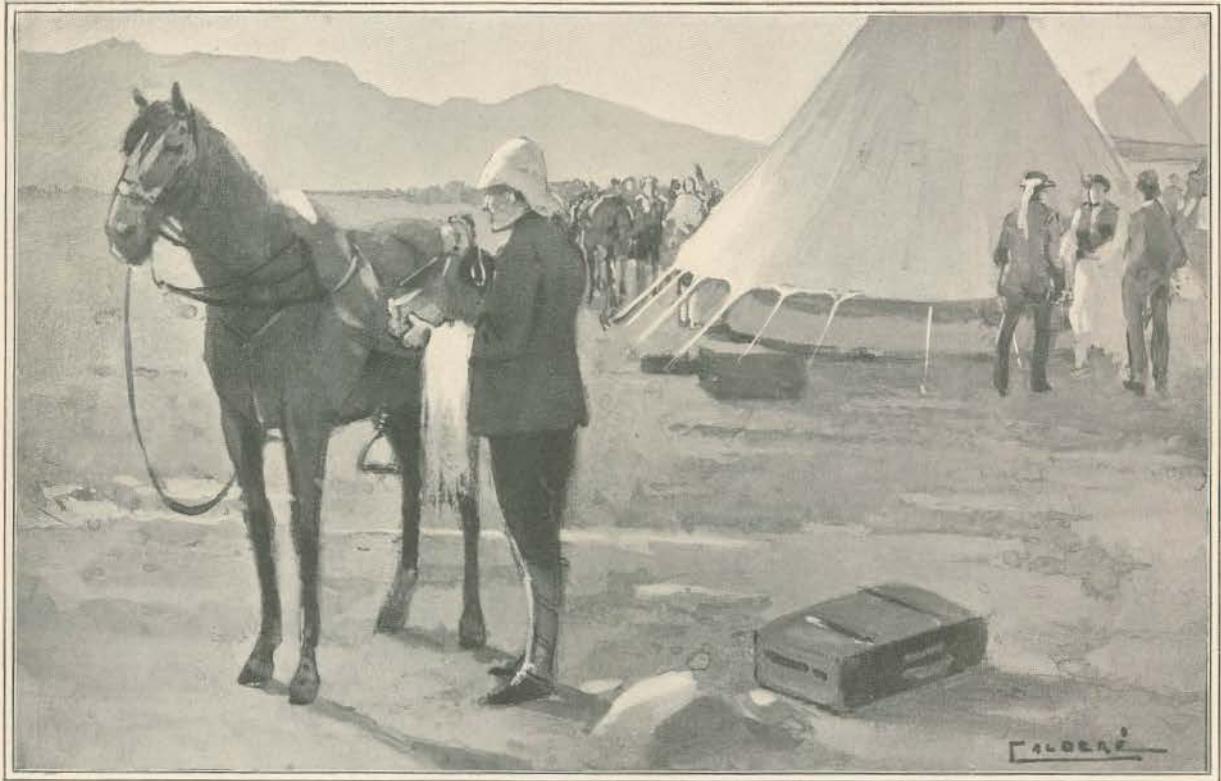
O padroeiro de Lisboa foi martyrisado em Valencia no anno de 336 por Daciano, consul na peninsula, que obedeceu ás ordens do seu imperador Diocleciano. Os christãos trouxeram as reliquias do martyr até ao Algarve e d'ali foram conduzidas n'um galeão, segundo reza a lenda, guardaado por dois corvos, os quaes ficaram symbolicamente com o barco nas armas da cidade de Lisboa. Na egreja da Sé manteem-se dois corvos que estão sempre expostos nas dependencias do temploo como recordação d'aquelles que foram os guardas do corpo do Santo até Lisboa, onde Affonso Henriques o acolheu com piedosa veneração em 1173.

A CHEGADA A LISBOA DO NUNCIO DE S. S., MONSENHOR JOSÉ MACCHI, EM 26 DE JANEIRO — A SAHIDA NA ESTAÇÃO DO ROCIO

Monsenhor José Macchi, arcebispo de Thessalonica, começou a sua carreira diplomatica como inter-nuncio apostolico no Brazil, passando para a nunciatura de Munich e d'ali para a de Lisboa em substituição de monsenhor Aiuti quando este prelado foi elevado á purpura cardinalicia.

UM ASPECTO DO CONCERTO REALISADO PELO ILLUSTRE PIANISTA MALATS EM 27 DE JANEIRO NO THEATRO D. AMELIA

Joaquim Malats é uma celebridade européa desde que em 1903 ganhou o premio *Diemer*, ao qual eram concorrentes as primeiras notabilidades musicaes como Puccini, Saint-Saens, Massenet, etc.

O SR. CAPITÃO DE MAR E GUERRA ALENCASTRO GRAÇA, COMMANDANTE DO NAVIO BRAZILEIRO «BENJAMIM CONSTANT», DESEMBARCANDO NA CALDEIRA DO ARSENAL EM 26 DE JANEIRO

1 CONSELHEIRO JOSÉ NOVAES—2 CONSELHEIRO JOÃO FRANCO—3 MELLO E SOUSA—4 TEIXEIRA DE VASCONCELLOS—5 DR. LUIZ DE MAGALHÃES—6 DR. FERNANDO MARTINS DE CARVALHO—7 DR. LUCIANO MONTEIRO—8 DR. PINTO DE MESQUITA—9 JOÃO SARAIVA—10 ANTONIO VIANNA

OS ORADORES DO BANQUETE DO PORTO EM HOMENAGEM AO SR. CONSELHEIRO JOÃO FRANCO

OS NOVOS PEREGRINOS

Por MARK TWAIN, trad. do original por Alberto Telles

Isso tudo, porém, acabou. Estamos divididos em secções de seis ou oito, e a este tempo espalhados por muito longe. A nossa é a unica, todavia, que se aventura na denominada «longa volta», quer dizer, pela Syria dentro, por Balbec para Damasco, e d'ahi para baixo por toda a extensão da Palestina. Seria uma jornada fastidiosa, e tambem arriscadissima, n'esta ardente estação do anno, excepto para homens fortes, robustos e um tanto acostumados a fadigas e vida rude ao ar livre. Os outros grupos farão jornadas mais curtas.

N'estes ultimos dois mezes temos andado n'uma afflicção por causa de uma parte d'esta peregrinação á Terra Santa. Refiro-me ao serviço de transportes. Sabiamos muito bem que a Palestina não fazia grande negocio de passageiros, e toda a gente que encontravamos e sabia alguma cousa a esse respeito dava-nos a entender que nem para metade do nosso grupo haveria interpretes e cavalgaduras. Em Constantinopla todos expedimos telegrammas aos consules da America e em Beirouth para os informar de que precisavamos interpretes e transportes. Estavamos desesperados — aproveitariamos cavallos, burros, girafas, kangurus — tudo, fosse o que fosse. Em Smyrna mandámos mais telegrammas para o mesmo fim. E tambem, receando o peor, pedimos pelo telegrapho um grande numero de logares na diligencia para Damasco, e de cavallos para as ruinas de Balbec.

Como era de esperar, correu voz na Syria e no Egypto de que toda a população da provincia da America (os turcos consideram-nos uma insignificante provinciasinha n'algum canto do mundo, que não é visitado) vinha a caminho da Terra Santa — de maneira que, quando hontem chegámos a Beirouth, achámo-la cheia de interpretes e dos seus preparativos. Todos tinhamos feito tenção de ir em diligencia para Damasco e tocar em Balbec, que nos ficava em caminho — porque esperavamos encontrar o navio, ir ao monte Carmelo, e seguir de lá para os bosques. Todavia, quando a nossa secção particular de oito julgou que era possivel, e muito conveniente, fazer a «longa volta», adoptámos esse programma. Nunca até ali haviamos dado grande incommodo ao consul, mas causámos terrivel aborrecimento ao nosso consul em Beirouth. Faço menção d'isto, porque não posso cessar de admirar a sua paciencia, actividade e espirito conciliador, e tambem porque julgo que muitos dos meus companheiros de viagem não fizeram a merecida justiça aos seus excellentes serviços.

D'entre nós oito foram escolhidos tres para tratar de todas as cousas respectivas á expedição. Os outros nada mais tinham a fazer senão contemplar a bella cidade de Beirouth com as suas refulgentes casas novas aninhadas entre a espessura da vegetação espalhada por sobre toda uma elevação de terreno em declive até o mar; e tambem as montanhas do Libano que a cercam; e egualmente a banharem-se no transparente azul das aguas que se encrespavam em ondas em torno do navio (não nos constou que ali houvesse tubarões). Andámos tambem de uma banda para a outra a observar a cidade e os trajos, pittorescos e phantasticos, mas não tanto como em Constantinopla e Smyrna. As mulheres de Beirouth causam affiição: n'aquellas duas cidades o bello sexo usa um tenue véo, que permitte ver atravez d'elle (e muitas vezes mostra o artelho), mas em Beirouth cobre o rosto completamente com véos de côr escura ou pretos, de sorte que as mulheres parecem mumias e expõem o peito ao publico. Um rapaz bem trajado (creio que era grego) offereceu-se para nos mostrar a cidade, dizendo que isso lhe causaria muito prazer, porque andava a aprender a lingua ingleza, e necessitava de pratica. Quando acabámos de dar as nossas voltas, pediu renumeração — e disse esperar que aquelles cavalheiros lhe dariam qualquer cousa sob a fórma de algumas piastras. Assim o fizemos, vindo depois a saber pelo consul, admirado quando tal ouviu, que esse rapaz, do seu conhecimento, pertencia a uma familia muitissimo respeitavel, que possuia cento e cincoenta mil dollars! Pessoas de situação egual á d'elle teriam vergonha do procedimento que teve comnosco, e da sua maneira de se sevandijar.

A' hora marcada a nossa commissão administrativa deu conta de si, dizendo que estava tudo prompto — que tinhamos de partir hoje com cavallos, bestas de carga, e barracas, em direcção a Balbec, Damasco, o Mar de Tiberiades, e d'ahi, para o sul, pelo caminho do theatro do sonho de Jacob, e de outros logares notaveis mencionados na Biblia, para Jerusalem — e de lá provavelmente para o Mar Vermelho, mas talvez não — e depois até o Oceano a encontrar o nosso navio, d'aqui a tres ou quatro semanas em Jaffa; condições, cinco dollares cada dia por cabeça, em ouro, e tudo fornecido pelo drogman. Dizem que estaremos tão bem como se fosse n'um hotel. Tenho lido qualquer cousa parecida com isso, e não farei offensa ao meu entendimento acreditando uma palavra d'essa informação. Comtudo, calei-me, e fiz um pacote com um cobertor e um chale, para dormir embrulhado n'elles, cachimbos e tabaco, duas ou tres camizolas de lã, uma pasta com papel, um guia de viajantes e uma Biblia. Levei tambem uma toalha e um sabonete, para infundir respeito aos arabes, que me tomariam por um rei disfarçado.

Tinhamos que escolher os cavallos para nós ás tres horas da tarde. A essa hora Abrahão, o drogman, conduziu-os á nossa presença. E aqui registo com toda a solemnidade que esse caso foi o mais assombroso, que jámais me succedeu, sendo que as condições dos cavallos estavam em perfeita harmonia com o seu todo. Um tinha um olho vasado; outro a cauda cortada cerce como um coelho, e estava muito ufano com isso; n'outro o espinhaço, encurvado do pescoço ás ancas, fazia lembrar um d'esses aqueductos em ruinas, que se enxergam nos arredores de Roma, e o pescoco parecia um gurupés; eram todos mancos, tinham doença nos lombos, bem como manchas sem cabello e antigas costras disseminadas pelas suas pessoas como pregos de metal n'um bahu de couro; o seu andar causava admiração, e era cheio de variedade — a caminhar, assemelhavam-se a uma esquadra n'uma tempestade. Era temeroso. Blucher abanou a cabeça, e disse:

—Aquelle drogman metteu-se em boas de ir tirar estas velhas canastras do hospital, da maneira que ellas estão, a não ser que para isso obtivesse licença.

Eu não disse nada. A exposição que se patenteava a nossos olhos era exactamente conforme o guia de viajantes, e não andavamos nós a viajar pelo guia? Escolhi para mim um certo cavallo, por me parecer que era espantadiço, e julguei que não merecia despreso um cavallo que tinha espirito bastante para se espantar.

A's seis da tarde fizemos alto aqui na ventosa cumieira de uma bonita montanha, d'onde se avista o mar e o formoso valle, onde habitavam alguns d'esses aventureiros phenicios, de antigos tempos, a cujo respeito tanto se tem escripto; e de tudo em roda de nós se compunham outr'ora os dominios de Hiram, rei de Tyro, que deu madeiras de cedro d'estes montes do Libano para se construirem algumas partes do templo do rei Salomão.

Pouco depois das seis horas chegaram as nossas bagagens. Nunca as vira antes, e tinha razão sufficiente para estar admirado. Eram dezenove carregadores e vinte e seis machos! Uma perfeita caravana. E, com effeito, assim parecia, quando colleava por entre as rochas. Eu pasmava do que nos seria necessario em caso de verdadeira adversidade, com tamanha equipagem como aquella para oito homens. Pasmei por um pouco, mas era breve comecei a suspirar por um prato de estanho com feijão e presunto. Eu já tinha estado acampado

uma e muitas vezes, e bem sabia o que me aguardava. Não esperei pelos carregadores, desapparelhei o cavallo, lavei-lhe a parte das costellas e da espinha que se projectavam atravez da pelle, e, quando voltei, cinco majestosas tendas circulares estavam levantadas — todas por dentro resplandecentes de azul, oiro, carmozim e toda a especie de esplendida ornamentação! Fiquei sem poder dizer palavra. Trouxeram depois oito pequenas barras de ferro, e collocaram-nas nas tendas; e macios colchões e travesseiros, bons cobertores e em cada cama dois lençoes brancos de neve. Armaram em seguida uma mesa em torno da vara central, e sobre ella puzeram jarros de estanho, bacias, sabonetes e toalhas alvissimas — tantos e tantas quantos eram os homens; apontaram tambem para as bolsas, que havia na tenda, onde por commodidade poderiamos pôr os nossos pequenos objectos, e, se precisassemos de alfinetes ou cousas taes, estavam espetados por toda a parte. Veiu depois o derradeiro retoque — estenderam tapetes no chão! Pensei então commigo ingenuamente: — Se a isto é que se chama estar acampado, vae tudo muito bem; mas não é a este tratamento que estou acostumado. De que serviu a pequena bagagem que trouxe commigo?

Escureceu, e vieram vélas para cima das mesas, mas vélas postas em castiçaes novos de metal amarello. E logo tocou a campainha, que nos chamava para o «salão». Eu havia pensado que tinhamos tendas demasiadas; mas aqui estava uma, ao menos, só destinada para servir de sala de jantar. Como as outras, tinha altura sufficiente para n'ella viver uma familia de girafas, e era muito bonita, asseada, e por dentro forrada de côr brilhante. Uma joia! Mesa para oito pessoas, e oito cadeiras de lona; uma toalha de mesa e guardanapos cuja brancura ria de escarneo d'aquillo que nos apresentavam no grande vapor de recreio: facas e garfos, pratos fundos e chatos, tudo do melhor gosto. Era assombroso. E a *isto* é que chamam estar acampado. Aquelles sujeitos majestosos, de calções em fórma de sacco, e fezzes enturbantados trouxeram-nos um jantar que constava de carneiro assado, frangãos assados, pato assado, batatas, pão, chá, pudim, maçãs e uvas deliciosas; as viandas eram muito bem cozinhadas, melhor do que as que tinhamos comido durante semanas, e a mesa, com os seus grandes castiçaes de prata da Allemanha e outros requintes de luxo, tinha mais bella apparencia do que qualquer mesa á qual nos tinhamos sentado, havia já bastante tempo, e, comtudo, o attencioso drogman, Abrahão, entrou inclinando-se e pedindo desculpa de tudo, por causa da inevitavel confusão que ha n'uma jornada em que se dá uma volta muito grande, e promettendo que tudo havia de correr muito melhor para o futuro!

E' meia noite agora, e levantamos o acampamento ás seis horas da manhã.

A isto chamam estar acampado. Pois d'esta fórma é um bello privilegio ser peregrino na Terra Santa.

XI

«Jacksonville» nas montanhas do Libano—Almoçar deante de um grande panorama—A cidade desapparecida—O correl especial «Jericó»—Itinerario do peregrino—Scenas da Biblia—O monte Hermon, campos de batalha de Josué, etc. —O tumulo de Noé—Um povo desgraçadissimo.

Acampámos perto de *Temnin-el-Toka* — denominação que os rapazes simplificaram muito, por amor da conveniencia da pronuncia. Chamam-lhe Jacksonville. Sôa um tanto á extrangeira, aqui no valle do Libano, mas tem o merecimento de ser mais facil de reter na memoria do que o nome arabico.

Dormi regaladamente a noite passada; porém, quando a campainha tocou ás cinco horas da manhã, e resoou o grito de — Dez minutos para vestir para o almoço! — ouvi ambas as cousas. Surprehendeu-me, porque já havia um mez que não ouvia o toque a bordo para o almoço, e, sempre que tivemos occasião de dar uma salva de dia, só dei por isso depois no decurso da conversação. O que é certo é que o estar acampado, ainda que seja n'uma tenda sumptuosa, faz a gente sentir-se leve e esperto pela manhã — especialmente se o ar que se respira é o ar fresco e puro das montanhas.

Vesti-me em dez minutos e sahi. A' tenda-salão haviam tirado os lados, e só tinha o tecto; de sorte que, ao sentarmo-nos á mesa, pudemos espairecer os olhos por um nobe panorama de montanha, mar e valle ennevoado. A esse tempo se erguia lentamente o sol, diffundindo por todo o quadro o mais precioso colorido.

Costelletas de carneiro muito quentes, frangãos guisados, omeletas, batatas fritas e café — tudo excellente. Tal era a lista dos pratos, temperados com um appetite selvagem, adquirido na vespera por uma dura cavalgada e o somno reparador n'uma atmosphera pura. Quando pedi uma segunda chavena de café e relanceei a vista por cima do meu hombro, notei que a nossa branca aldeia tinha desapparecido — as tendas magnificas desvaneceram-se como por encanto! Era para admirar a rapidez com que os arabes tinham «enrolado as tendas» e não menos a com que elles recolheram as mil cousas e lousas do acampamento e desappareceram com ellas.

A's seis horas e meia estavamos a caminho, e todo o mundo da Syria parecia tambem ir de jornada. A estrada estava coberta de récuas de machos e extensas filas de camellos. Dá-me isto a lembrar que estivemos por algum tempo cogitando no com que se parece um camello, e descobrimo-lo agora. Quando está com os joelhos no chão, cahido sobre o peito para receber a carga, assemelha-se um tanto a um pato nadando; e, erecto, a um avestruz com mais duas pernas. Não são bellos os dromedarios, e o seu comprido labio inferior dá-lhes uma expressão excessivamente singular. Teem cascos immen-

sos, chatos e forcados, que deixam na terra um vestigio semelhante ao de um pastel, ao qual se cortasse uma fatia. Não são melindrosos quanto á sua alimentação. Comeriam a pedra de um tumulo, se a pudessem triturar com os dentes. Nascem por aqui uns cardos com espinhas taes, que atravessariam couro, creio eu; se alguem lhes toca, certo que não encontra allivio senão desabafando em pragas e impreperios. Ora, os camellos comem-nos. Mostram pelos seus actos que gostam d'elles. Acredito realmente que um camello poderia comer o que nos dão a bordo e viver, comtanto que fosse moderado com os biscoutos e não tocasse nos pasteis.

Visto estar falando de animaes, direi que tenho agora uma cavalgadura, com o nome de Jerichó. E' uma egua. Tenho visto bestas notaveis, mas nenhuma tanto como esta. Eu precisava de um cavallo que se espantasse, e esta minha egua satisfaz o requisito. Metteu-se-me na cabeça que espantar-se era um signal de espirito. Se não me engano, obtive o cavallo mais espiritado que ha no mundo. Espanta-se com tudo que encontra, e fa-lo com a maxima imparcialidade. Parece ter um medo mortal dos paus do telegrapho, especialmente; e é uma fortuna have-los de ambos os lados da estrada, porque, como agora succede, eu não caio nunca duas vezes a fio do mesmo lado. Se cahisse sempre para a mesma banda, chegaria isso a tornar-se monotono, decorrido algum tempo. Esta alimaria tem-se espantado com tudo o que viu hoje, excepto uma meda de feno. Pois avançou para ella com tão serena ousadia, que era cousa de pasmar. E todo e qualquer ficaria admirado de vêr como ella conserva o seu imperio sobre si deante de um sacco de cevada. Esta diabolica inteireza de animo será algum dia a morte d'esta besta.

Não se pode dizer que seja muito veloz, mas creio que ha de atravessar commigo a Terra Santa. Tem só um defeito. Como lhe cortaram a cauda, ou talvez succedeu que, uma vez por outra, se assentasse sobre ella com muita força, vê-se na necessidade de enxotar as moscas com os cascos. Até aqui vae a cousa bem, mas quando tenta sacudir uma mosca do alto da cabeça com a pata trazeira, acho esta variedade demasiada. Mais dia menos dia, acontece-lhe alguma fatalidade por esse motivo. Tambem alcança os lados, e morde-me as pernas. Não me importo muito com isso; simplesmente não gosto de vêr um cavallo dado até esse extremo.

Creio que o dono d'esta prenda forma um juizo errado a respeito d'ella. Persuadiu-se de que era um indomavel e fogoso ginete, mas, nunca foi esse o seu genio. Sei que o arabe tinha essa convicção, porque, quando trouxe o cavallo para ser inspeccionado em Beirouth, esteve a açouta-lo á redea, e exclamando em arabe: — Olé! Vê lá o que fazes? Queres tu, animal feroz, desatar a correr e partir o pescoço? — quando durante todo o tempo o cavallo esteve parado, e só alongava os olhos como se necessitasse de se encostar a alguma cousa para meditar. Sempre que não se espanta de objectos que vê, ou trata de matar alguma mosca, ainda precisa de fazer isso. Quanto não ficaria admirado o seu dono, se tal soubesse!

Passámos o dia n'uma região historica do paiz. Ao meio dia acampámos tres horas e tomámos o lunch em Mekseh, proximo da juncção dos montes do Libano com o Jebel e Kuneiyiseh, e contemplámos o immenso e plano valle do Libano, semelhante a um jardim. A' noite estamos acampados perto do mesmo valle e temos deante uma parte muito extensa d'elle. Podemos vêr o comprido lombo de baleia do monte Hermon, sobranceiro aos outeiros orientaes. Os «orvalhos de Hermon» caem agora sobre nós, e as tendas estão quasi ensopadas d'elles.

Além, por cima do caminho, elevado sobre o valle, distinguimos, com o oculo, as linhas esmaecidas das maravilhosas ruinas de Balbec, a supposta Baal-Gad da Escriptura Sagrada. Josué e outro foram os dois espiões enviados a esta terra de Canaan pelos filhos de Israel para informarem a seu respeito — quero dizer, os espiões que informaram favoravelmente. Levaram comsigo alguns specimens das uvas d'esta região, que nos livros para creanças são sempre representadas por um cacho monstruoso, com uma vara entre meio d'ellas, carregamento formidavel para um comboio de mercadorias. Os livros das escolas exaggeram-nos um pouco. As uvas são ainda hoje preciosas, mas os cachos não são tão grandes como os figurados nas gravuras. Fiquei surprehendido e magoado quando os vi, porque esses cachos de uvas colossaes eram uma das minhas mais queridas tradições juvenis.

Foi favoravel a informação de Josué, e os filhos de Israel partiram, com Moysés á testa do governo geral, e Josué commandando um exercito de seiscentos mil combatentes. Mulheres, creanças e jurisconsultos formavam innumeravel multidão. De toda essa poderosa hoste só os dois espias tiveram vida para pôrem os pés na terra da promissão. Elles e os seus descendentes vaguearam quarenta annos no deserto, e então Moysés, o prendado guerreiro, poeta, estadista e philosopho, partiu para Pisgah, e lá encontrou o seu destino mysterioso. Ninguem sabe onde foi sepultado.

Principiou então a terrivel invasão de Josué, e desde Jerichó a Baal-Gad varreu a terra, semelhante ao genio da destruição. Fez matança no povo, devastou os campos e arrazou as cidades. Tambem desbaratou trinta e um reis. Pode dizer-se desbaratar, posto que realmente apresente difficuldade chamar-se a isso desbarata-los, pois que ali havia sempre n'esses tempos reis em tal abundancia que chegavam para poupar. Seja como fôr, Josué deu cabo de trinta e um reis, e repartiu os seus reinos pelos seus israelitas. Dividiu este valle, que se alonga aqui deante dos nossos olhos, de sorte que foi outr'ora territorio judaico. Comtudo, ha longo tempo que os judeus desappareceram de lá.

Ali para traz, a uma hora de caminho d'aqui, atravessámos uma aldeia arabe de caixotes de mercadorias finas, de pedra (com isso se parecem), onde está de baixo de chave o tumulo de Noé (Noé construiu a arca). Por sobre estes antigos montes e valles fluctuou n'outro tempo a arca que continha tudo o que ficara de um mundo extincto.

Não peço desculpa de particularisar a informação exposta, porque, em todo o caso, será novidade para alguns dos meus leitores.

O tumulo de Noé é construido de pedra, e está coberto por um extenso edificio, tambem de pedra. Buckseesh permittiu-nos a entrada. Era mister que o edificio fosse grande, porque a sepultura do honrado navegador antigo tem duzentos e dez pés de comprimento. Todavia, não tem mais de quatro pés de largo e outros tantos de altura, approximadamente. Deve ter deitado uma sombra parecida com a de um pararaios. A prova de que é este o verdadeiro, logar em que Noé foi sepultado, só pode ser duvidada por gente incredula pouco vulgar. A evidencia é manifesta. Shem, filho de Noé, assistiu ao enterro, e mostrou o sitio aos seus descendentes, os quaes transmittiram a noticia aos seus descendentes, e os d'estes em linha recta se nos apresentaram hoje. Foi uma cousa agradavel tomar conhecimento com membros de tão respeitavel familia. Era motivo para a gente se sentir orgulhosa. E, depois do conhecimento de Noé em pessoa, não se podia fazer mais.

FOLHETIM N.º 12 *(Continúa.)*

O ILLUSTRE ACTOR JOAQUIM D'ALMEIDA
QUE REALISOU O SEU BENEFICIO EM 30 DE JANEIRO NO THEATRO DO GYMNASIO COM A PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO DA PEÇA O «GRANDE BOLSA»

JOSÉ IGNACIO DIAS DA SILVA
O principal promotor dos comicios contra a nova circumvallação da cidade

O CELEBRE PIANISTA JOAQUIM MALATS
QUE REALISOU O CONCERTO NO THEATRO D. AMELIA EM 27 DE JANEIRO
Malats nasceu em Barcelona em 1872, fazendo ali o curso do Conservatorio Municipal. Seguiu d'ali, pensionado pelo *ayuntamiento*, para Paris, onde foi discipulo de Beriot.

SR.ª D. ADELAIDE COELHO D'ANDRADE

SR.ª D. MARIA AMELIA COELHO

SR.ª D. MARIA EMILIA DE OLIVEIRA RIBEIRO

SR.ª D. MARIA VITERBO (RIBEIRA GRANDE)

SR.ª D. HILDA AGUEDA VELLOSO

SR.ª D. GERTRUDES D'ALEGRIA VELLOSO

A COMMISSÃO DE SENHORAS QUE FOI ENTREGAR O MEMORIAL A S. M. A RAINHA SENHORA D. AMELIA PEDINDO A PROTECÇÃO DA MESMA AUGUSTA SENHORA PARA OS POVOS LESADOS PELA NOVA CIRCUMVALLAÇÃO DA CIDADE

CHRONICA ELEGANTE

Lisboa creou alma nova com o sol, que rebrilhou finalmente, depois de uma longa estação *londrina*, triste e nevoenta, que tão pouco se compadece com a nossa feição meridional. Para nós não ha festa nem goso completo quando o astro rei nos priva dos seus raios esplendorosos e vivificantes. Verdade seja que, segundo os convencionalismos mundanos, não é de bom tom passeiar nas melhores horas d'estes formosos dias de inverno; a burguezia, porventura menos elegante, mas mais logica, é que se espraia pelas avenidas e jardins, e o *high-life* só aproveita o pôr do sol; é menos quente, mas permitte e justifica a exhibição das pelliças, dos *manteaux* opulentos, das *fourrures* sumptuosas em que se aninham as nossas gentis lisboetas, reclinadas nas suas fôfas e confortaveis carruagens. O *manteau* é hoje objecto de particular attenção, um accessorio de primeira ordem, cuja elegancia e riqueza deve estar em harmonia com os outros elementos do *toilette*. Occulta durante o breve passeio da tarde a *toilette* brilhante e vistosa, que se ostenta nos *five-o'clock* elegantes. A' sahida, depois da animação da conversa e muitas vezes da valsa, torna o *manteau* a figurar, *ouatè* e *fourré*, como agasalho utilissimo e preservativo das *grippes* e outros inconvenientes proprios da estação.

Figura 1

Figura 2

São innumeras as novas creações de tecidos para *toilettes* da noite, porém entre todos continúa sempre a figurar no primeiro plano a *crêpe de Chine*, apreciadissimo por se prestar maravilhosamente a todas as combinações da moda actual. O *crêpe de Chine* fabricado em França é liso, de extrema finura e sem duvida lindissimo, mas o verdadeiro *crêpe de Chine*, feito em Kin-Chou com a inimitavel seda chineza, forte, macia e brilhante, é um tanto rugoso e mais consistente; egualmente malleavel e flexivel, adapta-se incomparavelmente melhor aos feitios modernos, cahindo em pregas molles, suaves e ondulantes e desenhando artisticamente os bustos graciosos e elegantes.

O ouro volta a usar-se muito, não profusamente, mas com alguns fios tecidos nos galões que guarnecem chapeus, vestidos e capas de passeio, ou então menos parcamente nos trajes de baile, theatro e sarau, ostentando-se em opulentas guarnições e artisticos bordados. Nas *toilettes* claras dá a nota brilhante e fina, nos tecidos escuros imprime um cunho de distincção e inegualavel bom gosto.

Fig. 1 — *Toilette* de visitas em velludo grande, *manteau* em *zibeline russe*, forrado em setim branco.

Fig. 2 — *Toilette* de passeio em *velvet* escossez com galões *changeant* e estrellinhas de fio d'ouro; pequenos *revers* e canhões em *panne* branca bordada a ouro e froco.

Fig. 3 — *Toilette* de baile em *crêpe de Chine mauve clair*, armada em pregas largas e soltas; folhos de rendas de Bruxellas encimados por cordões estreitos de violetas de Parma; ramos de violetas e *agrafes* de brilhantes.

Figura 3